

## O documentário ativista ambiental e animalista e a ética educativa da tradição documentária

The environmental and animal activist documentary and the educational ethics approach on british documentary tradition

### Bianca Salles Dantas

Graduada em Artes Cênicas – Direção Teatral, pela Faculdade de Artes do Paraná – FAP; mestranda do Programa de Pós-Graduação em Multimeios da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp.

**E-mail para correspondência:** bia.dantas@gmail.com.

#### Resumo

Pretende-se refletir, neste estudo, sobre as tendências do que se denomina “cinema documentário ambientalista e animalista” a partir da ética educativa da tradição documentária britânica. A proposta do presente artigo é comparar, ainda que em um primeiro momento, as características desse cinema sob o ponto de vista do reconhecimento da influência do modelo ético educativo de Grierson no campo do documentário ambiental e animalista. Será recortado o trabalho desenvolvido pela instituição Nicolaas G. Pierson Foundation, fazendo um paralelo entre seu primeiro longa-metragem, *Meat the truth*, e o filme de Al Gore, *Uma verdade inconveniente*, ambos sobre o aquecimento global.

**Palavras-chave:** documentário ativista, *Meat the truth*, *Uma verdade inconveniente*.

#### Abstract

The intention of this article is to reflect on several tendencies that I name as “environmental and animalistic activist documentary” from the educational ethics on British documentary tradition. I manage to compare, though initially, its characteristics from the recognition by Grierson’s educational ethics approach and its influence on the environmental and animalist documentary field. Plus, Nicolaas G. Pierson Foundation works will be studied by the parallel between their first feature film, *Meat the truth*, and Al Gore’s movie, *An inconvenient truth*, both regarding global heating.

**Keywords:** activist documentary, *Meat the truth*, *An inconvenient truth*.

## O documentário ativista ambiental e animalista e a ética educativa da tradição documentária

### 1. O documentário ambiental e animalista

Primeiramente, julgou-se importante identificar a leitura acerca das palavras “ambiental” e “animalista”. Elas obviamente incluem-se na expressão “meio ambiente” a que claramente se soma a proteção animal. Porém, optou-se por utilizar de forma enfática, já no título, ambos os vocábulos. No desenvolvimento do estudo, será evidente o olhar voltado para produções documentárias de caráter animalista – pede-se licença para esta distinção. Ela vem do fato de que nem todo documentário que se diz ambientalista considera a questão animal; da mesma forma, nem toda pessoa que se diz ambientalista reflete sobre o fato. Neste recorte, serão citados alguns filmes animalistas, pois eles apontam e desenvolvem o ponto de interesse aqui delineado: o cinema documentário que trata da utilização da vida do animal não humano. O filme *Meat the truth* abarca ambas as considerações.

### 2. O documentário e o modelo griersoniano

O modelo griersoniano para o documentário surgiu no final dos anos 1920 na Inglaterra e continua a ser hoje assunto de consideráveis debates acerca dos papéis que ele desempenhou na construção da escritura documentária. A estilística do filme documentário pode ser encontrada em períodos anteriores a Grierson, como em *Nanook of the North* (1922), em cinejornais, *travelogues*, no limite em Lumière. No entanto, foi o pensamento sistemático de John Grierson, também a sua profunda convicção e ainda o trabalho, na definição de Aitken, dos “*documentary boys*”<sup>1</sup> que desenvolveu no cenário britânico um tipo de filme distinto do filme de ficção no propósito, no estilo e na função.

Grierson estabeleceu seu paradigma em uma época na qual urgia a necessidade de novas formas de expressão para a compreensão do mundo moderno emergente. Devem ser considerados os grandes acontecimentos daquele momento: a Revolução Industrial, o amadurecimento das vanguardas francesas e soviéticas, as duas grandes guerras, o *crash* da Bolsa de Valores norte-americana, a reforma social-democrata e o surgimento de ideologias comunistas e fascistas. O movimento documentarista britânico nasceu identificado com essa constelação de movimentos políticos e artísticos.

*From these various influences Grierson arrived at a definition of the principal function of the documentary film as that of representing the interdependence and evolution of social relations in a dramatic, descriptive and symbolic way. This function was simultaneously sociological and aesthetic: it was*

*sociological in that involved the representation of social relationships, and it was aesthetic in that it involved the use of imaginative and symbolic means to that end*<sup>2</sup>.

Dessa forma, devem todos considerar que o tipo de cinema que emergiu dessa época teve estreita relação com as necessidades institucionais e governamentais; os seus conteúdos voltados para a educação cívica, a unificação nacional e a divulgação do Estado britânico. O caráter fílmico para Grierson apresenta-se circunstancial e mais conveniente para seus propósitos; ele encontrou no documentário algumas características a serem exploradas para a educação pública.

*These facts should have made it clear that the documentary idea was not basically a film idea at all, and the film treatment it inspired only an incidental aspect of it. The medium happened to be the most convenient and most exciting available to us*<sup>3</sup>.

Grierson desenvolveu seu paradigma, sustentando-o, inicialmente, em três juízos. Em *First principles of documentary* (1932), ele postulou que a capacidade de o cinema captar o transcender do mundo deve ser entendida com uma nova e vital forma de arte; que os atores nativos têm mais força interpretativa para o mundo moderno em comparação com as criações mecânicas dos estúdios; finalmente, que as histórias captadas espontaneamente são dotadas de mais “realidade” do que as captadas artificialmente. Assim, Grierson sustentou a definição para o filme documentário como o “tratamento criativo da atualidade”.

Alguns anos mais tarde, após seu período no Canadá, Grierson publicou na *Documentary Newsletter* um ensaio intitulado *The documentary idea* (1942). Nele, encontra-se a necessidade do autor de reposicionar sua visão acerca do tratamento para o documentário e seu propósito cívico.

<sup>2</sup> “De todas essas influências, Grierson chegou à definição da função principal do filme documentário como o que representa a interdependência e a evolução das relações sociais de forma dramática, descritiva e simbólica. Tal função era tanto sociológica quanto estética: sociológica enquanto envolvia a representação das relações sociais; estética quanto envolvia o uso da imaginação e os meios simbólicos para essa finalidade” (AITKEN, Ian. *The documentary film movement*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1998. p. 38 – tradução livre do texto).

<sup>3</sup> “Esses fatos deveriam ter deixado claro que a ideia de documentário não era necessariamente a de filme, e o filme inspirado por ela é aspecto acidental. O intermédio seria para nós o aspecto mais conveniente e disponível.” (*Idem, Ibidem*, p. 106 – tradução livre do texto).

<sup>1</sup> Ian Aitken, em *The documentary film movement*, posicionou, dentre outras características acerca dos integrantes do movimento documentarista, seu caráter predominantemente masculino.

**O documentário ativista ambiental e animalista e a ética educativa da tradição documentária**

*The idea itself, on the other hand, was a new idea for public education: its underlying concept that the world was in a phase of drastic change affecting every manner of thought and practice, and the public comprehension of the nature of that change is vital*<sup>4</sup>.

Ainda sobre a dimensão educativa do cinema documentário griersoniano:

Esse primeiro horizonte ético do documentário tem, portanto, em seu centro, a dimensão educativa em suas diversas variantes e ramificações. Na escola documentária inglesa, a dimensão educativa do documentário (modulada com a preocupação “artística”) fica claramente estabelecida funcionando como base para formulações sobre a validade do documentário e sua função social<sup>5</sup>.

Dessa forma, Grierson foi o primeiro a estabelecer um paradigma para o filme documentário e colocá-lo em prática. Com o tempo e outras práticas, o campo se expandiu, outras formas foram desenvolvidas, como apontou Fernão Pessoa Ramos:

Na medida em que a ideologia dominante contemporânea foi criada na desconfiança da representação objetiva do mundo – e na desconfiança da espessura do sujeito que assume a voz de saber sobre o mundo –, a narrativa que se locomove com naturalidade nesse meio sofre carga crítica<sup>6</sup>.

Ainda segundo Fernão Pessoa Ramos, a distinção entre documentário e ficção encontra-se na indexação e em sua intenção.

Podemos dizer que a definição de documentário se sustenta sobre duas pernas, estilo e intenção, que estão em estreita interação ao serem lançados para a fruição espectral, que as percebe como próprias de um tipo narrativo que possui determinações particulares: aquelas que são características, em todas as suas dimensões, do peso e da consequência que damos aos enunciados que chamamos asserções<sup>7</sup>.

A partir daí, por documentário ativista ambientalista e animalista, pode-se entender o tipo de cinema indexado como documental, carregado de estilística própria do campo e de

conteúdos dedicados ao levantamento de bandeiras de luta direcionadas ao horizonte do pensamento ecológico e do respeito pelas formas de vida não humanas. Nesse sentido, ocorre uma mudança de paradigma. Se antes o cinema ativista era conhecido pela sua intimidade com as lutas sociais e pelo embate de forças políticas de esquerda e direita, hoje se vê o movimento ambientalista e animalista se desenhar com força no campo. O olhar antes voltado quase que exclusivamente para questões sociais relacionadas ao povo deslocou-se e tenciona questões sobre o meio ambiente e a vida dos animais não humanos.

Com efeito, a pluralidade atual permite que se olhe este nicho como um segmento específico na produção cinematográfica. As práticas de documentário ativista ambiental e animalista têm sido proporcionadas pela mesma emergência que facilita a produção e a difusão audiovisual em geral. Demandam-se novos conteúdos pela proliferação das exibições privadas em canais de TV a cabo e aberta, as formas de documentário emergem, tendo em vista tanto a disponibilidade tecnológica advinda da popularização do digital como da expansão das possibilidades temáticas e estilísticas. São instituições e coletivos<sup>8</sup> de ativistas independentes que retem a maior parte da produção de temática animalista produzida atualmente e difundidas via Internet e mostras de cinema voltadas em caráter específico para esses temas.

São audiovisuais produzidos, em sua maior parte, em regime colaborativo e formado por equipes, algumas vezes, amadoras. Esse caráter amador pode explicar a negligência da crítica cinematográfica e a história relegada a um segundo plano até agora. Muitas vezes são filmes vistos como “pouco cinematográficos” por terem seu foco demasiadamente voltado para sua intenção ativista em detrimento de proposições estéticas das narrativas visuais próprias do campo cinematográfico.

É neste recorte que este trabalho se propõe identificar a formulação ético-educativa griersoniana e o cinema voltado para a abordagem ambiental e animalista. Se, de acordo com a idealização griersoniana, o aspecto estético era, ao menos em tese, adjacente ao propósito ético-educativo, o mesmo parece ocorrer na maioria das formulações do cinema animalista com que se teve a oportunidade de manter contato. No caráter estilístico, também se encontram pontos de conexão. Os documentários ativistas animalistas desses coletivos são especialmente marcados pela utilização da “voz de deus”<sup>9</sup>, construção de ritmo através da música

<sup>8</sup> No material complementar, disponibilizou-se uma pequena lista desses grupos e instituições.

<sup>9</sup> “Voz de deus” é expressão comumente empregada para designar o emprego de um tipo de voz *over* inaugurada pelo cinema documentarista britânico, que se caracteriza pela sua assertividade, descorporificação e onisciência.

<sup>4</sup> “A ideia em si, por outro lado, era nova para a educação pública: o conceito intrínseco que o mundo estava em uma fase de mudança radical, o que afetava toda forma de pensamento e de prática, e a compreensão pública da natureza da mudança é vital” (*Ibidem*, p. 106 – tradução livre do texto).

<sup>5</sup> RAMOS, Fernão. (org.). *Teoria contemporânea do cinema*. Vol. II. São Paulo: Senac, 2005. p. 171.

<sup>6</sup> RAMOS, Fernão. *Mas afinal...O que é mesmo documentário?* São Paulo: Senac, 2008. p. 21.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 27.

## O documentário ativista ambiental e animalista e a ética educativa da tradição documentária

ca e cenas com “atores nativos”<sup>10</sup>. Também se observou a utilização intensa de índices automáticos de verdade, como depoimentos e entrevistas de autoridades<sup>11</sup>. Além disso, é intenso o uso de imagens de arquivo e câmera escondida (algumas imagens, como no filme *Earthlings*, captadas em abatedouros e granjas industriais são imagens não autorizadas), e da exploração da morte e do sofrimento. É rara a utilização de interferências, da revelação do dispositivo, de atores profissionais e de estúdios.

Na grande maioria dos documentários do presente recorte, o cineasta é o ativista vegetariano<sup>12</sup> de classe média que apresenta essa mesma imagem para outro cidadão, igualmente de classe média e em geral não vegetariano, mas simpatizante em relação à causa. Muitas vezes este cidadão é “defensor” de alguns grupos de animais e, ao se deparar com uma realidade jamais vista anteriormente, apieda-se com o horror e a dor de outros seres.

Pode-se caracterizar essa produção como um tipo de cinema documentário que carrega em seu propósito ético a missão de revelar uma verdade escondida da sociedade, além de formular o debate e propor mudanças. Tal cinema pode ser caracterizado, em um recorte mais generalista, como um gênero que busca sua valoração na força catártica de imagens de horror e morte, no sofrimento e na dor do outro, na piedade do espectador.

Já a Fundação Nicolaas G. Pierson apresenta-se como exceção, apesar de recentemente ter produzido um curta-metragem sobre o abatimento de animais na tradição religiosa. No seu primeiro e mais contundente filme sobre o aquecimento global, *Meat the truth*<sup>13</sup> – *Uma verdade mais que*

*inconveniente*<sup>14</sup>, elaborou uma construção paródica ao filme documentário de Al Gore, *An inconvenient truth*. *Meat the truth* é apresentado por Marianne Thieme, membro do parlamento holandês do Partido pelos Animais.

### 3. Nicolaas G. Pierson Foundation – NGPF

Como política pública, todos os partidos políticos holandeses têm o direito de nomear uma agência de pesquisa científica para receber recursos governamentais e desenvolver pesquisas. Nicolaas G. Pierson, filantropista falecido em agosto de 2007, totalmente convicto na justiça social através da ação política, no tratamento ético com relação aos animais, a natureza e ao meio ambiente, foi homenageado pela fundação que leva seu nome. Essa instituição independente funciona como agência de pesquisa do Partido Holandês pelos Animais, desenvolve análises, apresenta alternativas na busca de contribuir para a criação de um mundo mais sustentável e pela defesa dos direitos dos animais. Dessa maneira, a instituição realiza ações que promovam a acessibilidade e o estímulo ao debate político e social acerca desses temas. Além disso, a referida fundação desenvolve atividades em ações políticas por toda a Europa e os Estados Unidos. No Brasil, a atuação é recente e mais visível nos festivais de cinema voltados para os temas de proteção ambiental e animal<sup>15</sup>.

Em entrevista, Karen Soeters, diretora da fundação, explicou que, apesar de a NGPF ser uma das menores instituições da Holanda, é uma das que mais chama a atenção do público, ressaltando o sucesso que o seu primeiro grande documentário, *Meat the truth* – atingiu: foi traduzido para 14 idiomas e exibido em várias partes do mundo.

*I feel hugely privileged to work for the NGPF. But if I really have to name a project, it would be Meat the truth. We put the subject of meat consumption in relation to global warming on the public and the political agendas. In the beginning I always had to explain to people who we are and what we do. Whereas now scientists contact us spontaneously because they would like to collaborate with us*<sup>16</sup>.

<sup>10</sup> O maior interesse é fazer referência às tomadas de pessoas em seu ritual de trabalho, como em abatedouros, laboratórios etc. A palavra “cena” refere-se ao tipo de encenação que ocorre naturalmente no sujeito para o qual se posiciona a câmera, e não à encenação construída típica do documentário britânico.

<sup>11</sup> Sabe-se que o cinema documentário contemporâneo é formado por uma constelação de estilos; então, aqui também se reconhece a influência da estilística inaugurada pelo cinema verdade, configurando, segundo a denominação de Fernão Pessoa Ramos, o “Doc Cabo”.

<sup>12</sup> Existem tipos de vegetarianismo: ovolactovegetariano – consome produtos de origem animal, como ovos e laticínios, exceto a carne de qualquer animal; e o vegano, que não consome nenhum tipo de produto de origem animal, incluindo peles e produtos testados em animais.

<sup>13</sup> Ambos os documentários longa-metragem da fundação, *Meat the truth* e *Sea the truth*, apresentam em seu título a palavra *truth* e o trocadilho entre o substantivo “*meat*” e o verbo “*meet*”, e o substantivo “*sea*” e o verbo “*see*”.

<sup>14</sup> Subtítulo disponível apenas em português.

<sup>15</sup> Um dos festivais realizados no Brasil é a Mostra Animal. Disponível em: <<http://www.mostraanimal.com.br>>.

<sup>16</sup> “Sinto-me extremamente privilegiada de trabalhar para a NGPF. Porém, se eu tiver que nomear um projeto, seria o *Meat the truth*. Pusemos no mesmo nível o consumo de carne no mundo e o aquecimento global na agenda pública e política. No começo, havia sempre a necessidade de eu explicar quem era e o que fazia. Agora, os cientistas nos procuram espontaneamente, porque querem colaborar conosco.” (Disponível em: <<http://www.ngpf.nl/en/>> – tradução livre do texto).

**O documentário ativista ambiental e animalista e a ética educativa da tradição documentária**

A Fundação também lançou recentemente um livro com ensaios oriundos dos estudos para a realização do filme *Meat the truth*.

*For example, we created the so-called carbon savings tables together with the VU University in Amsterdam. With these tables, everyone can check how much they can do for a better climate by adjusting their consumption pattern and choose their own level of ambition<sup>17</sup>.*

Em maio de 2010, seu novo documentário sobre o futuro dos oceanos, *Sea the truth*, foi lançado em Amsterdam. Neste documentário, especialistas concederam depoimentos e apresentaram uma visão catastrófica do futuro dos oceanos. Eles sugeriram que, se as pessoas não pararem de pescar para a alimentação humana e outros fins, em 40 anos os oceanos estarão vazios.

Sem dúvida, o cinema documentário contemporâneo é, por excelência, um campo em que coexistem diversos estilos. É no caráter adjacente que o cinema e suas questões estilísticas se desenvolvem para os ativistas; é aí que se estabelece o maior ponto de contato entre o cinema ativista recortado aqui e a ideia de Grierson. Para abordar isso, ainda que inicialmente, será apresentado o que respondeu a produtora do filme *Meat the truth* e executiva da Nicolaas G. Pierson Foundation, Monique van Dijk Armor, em um questionário enviado a ela recentemente.

**1 - Tell me about you and the work you develop in NGPF.**

*I have worked for the NGPF for over 2 years. I worked for an audiovisual production company before, who was asked to produce the film "Meat the truth", the first major project undertaken by the Nicolaas G. Pierson Foundation. Meat the truth is a documentary about the impact of livestock farming on climate change. After making this film, I was asked by the NGPF to work for them directly. We distributed Meat the truth all over the world and the film was translated in many different languages.*

*We produced our second documentary, "Sea the Truth", in 2010. It deals with issues such as over-fishing, pollution in the oceans, contaminated fish, etc... We also published a book in 2010: "Meat the truth, essays on Livestock Production, Sustainability and Climate Change". At the end of 2010 we produced a short documentary about religious slaughter without pre-stunning and made an addendum in 2011. At the moment we are working on a 3rd full length documentary on zoonoses and on publishing a "Sea the Truth" book. We believe documentary is a good medium to bring across the message to all people.*

**2 - What do you think about the social function of the documentary film, especially thinking about Meat the truth?**

*I think Meat the truth had and still has a big part in starting the discussion on the impact of livestock farming on the environment. People know cars, truck, planes and factories are polluting, but most of them had no idea how polluting the intensive livestock farming industry is. Livestock farming is one of the main causes of global warming. And though many films have been made on Global Warming (for example Al Gore "An Inconvenient Truth") none of them spoke about the influence of the livestock industry. While this has been a scientific fact for many years. Now, years after our film have been produced and screened allover the world, even Al Gore speaks about the impact of the livestock industry. The fact that Meat the truth doesn't show too much "shocking footage" and that it actually offers a solution in the end (eat less meat), is what makes the film so strong.*

**3 - As a project manager, do you see yourself as an educator, an artist or a political activist?**

*In my job, as a project manager for the NGPF, I don't see myself as a political activist or an artist. I guess more as an educator. We translate existing scientific research and reports into a document, which can be understood by the general public. Most people won't read a thick report of hundreds of pages, written by scientists. But a documentary of an hour, in the language the people understand, appeals to the general public. And that is our goal, to inform and educate people and to start a discussion.*

**4. Meat the truth – Uma verdade mais que inconveniente**

*Meat the truth*, lançado no ano de 2007, produzido por uma instituição holandesa, a Fundação Nicolaas G. Pierson, e encomendado pelo Partido pelos Animais, é uma resposta ao documentário estrelado por Al Gore no ano anterior, *Uma verdade inconveniente*. *Meat the truth* desenvolve-se como uma paródia ao filme de Gore, utiliza-se das mesmas técnicas, como o estilo *stand-up*, tabelas e gráficos projetados ao fundo, mecânicas de palco, entrevistas pré-gravadas e inserções de animações. Apresentado pela ativista e Deputada Marianne Thieme, membro do Partido pelos Animais, *Meat the truth* distancia-se do filme de Gore e revela a sua fundamental conveniência: o fato de Gore ter deixado de lado o problema ambiental provocado pela pecuária em um filme sobre as mudanças climáticas.

De fato, no filme de Gore, desenvolve-se o ponto de vista baseado no pensamento ecológico tradicionalista, advogando que as radicais mudanças climáticas ocorridas nos últimos anos são consequências das grandes emissões de dióxido de carbono. *Meat the truth* revela a participação mais que relevante da pecuária nesse panorama, defende ser o gás metano, produzido pelas criações de animais para consumo

<sup>17</sup> Tabela disponível no material complementar.

## O documentário ativista ambiental e animalista e a ética educativa da tradição documentária

humano e sua cadeia produtiva, muito mais prejudicial ao meio ambiente do que todo o dióxido de carbono eliminado globalmente pelos meios de transporte. Para corroborar a sua defesa, Marianne Thieme citou o estudo da Organização das Nações Unidas para a agricultura e alimentação. Este revelou que 18% das emissões de gases que afetam a camada de ozônio são provenientes da criação ostensiva de animais para abate, enquanto as emissões dos meios de transporte são responsáveis por 13%.

O filme então propõe uma jornada: Marianne vai até os Estados Unidos para tentar descobrir qual o motivo da omissão de Al Gore sobre um fato tão relevante. “*So I went to USA to find an answer to this question. Unfortunately, Al Gore was busy, but I did manage to speak with some other people who have quite much to say on those subjects.*”

Dessa maneira, instaura-se um momento específico em que se pode identificar a estilística própria dos filmes de busca. Mas o ponto que se julgou importante ressaltar é a sua conversa com Wayne Pacelle, presidente da *Humane Society of the United States*, a maior organização pelo bem-estar animal da América, com dez milhões de membros. Ela o encontrou em frente ao Capitólio, em Washington, e, quando indagado sobre o motivo que teria tido Gore para não revelar a razão mais importante acerca do aquecimento global, ele apresentou uma resposta vaga, porém que pode indicar um caminho para se refletir sobre o cinema animalista.

**Marianne:** *Why do you think Al Gore didn't mention factoring farming?*

**Wayne:** *I think he probably thought that he was giving a lot of information already to people and maybe he thought people would shut down if it affected to personally. Because it gets very personal when you talk about eating animals, and you are talking about something that is part of American diet.*

O filme *Meat the truth* representa essa visão de Wayne em outros sentidos. Marianne pareceu entender a impossibilidade de todas as pessoas do mundo tornarem-se vegetarianas; por isso, ela propôs não uma mudança drástica, mas várias pequenas mudanças. Este é o ponto que distancia *Meat the truth* da esmagadora maioria dos documentários animalistas: é a sua delicadeza e clareza, a sua coragem política, o seu bom humor, a racionalidade de seu discurso. Será, enfim, no distanciamento dos hábitos individuais que ela fará o seu recuo estratégico. “*I'm talking about kilos of meat all the time, but of course we are talking about living and breathing animals here.*”

As imagens mais intensas do filme são cenas de uma granja industrial onde alguns pintinhos vivos são separados brutalmente pelas máquinas no processamento; e uma cena de um filme holandês que mostra uma pesquisa com uma vaca viva que tem seu estômago remexido através de uma cavidade de

borracha. Descritas, parecem bizarras; mas, sem dúvida, representam pouco se comparadas ao usual “banho de sangue” e crueldade tão comuns nos filmes de proteção animal.

A representação da morte é tão antiga quanto as técnicas de imagem. Ela ronda o universo da pintura, da gravura, da imagem fotográfica e do cinema documentário desde a sua criação, como sugeriu Susan Sotag no livro *Diante da dor dos outros*.

Desde quando as câmeras foram inventadas, em 1839, a fotografia flertou com a morte. Como uma imagem produzida por uma câmera é, literalmente, um vestígio de algo trazido para diante da lente, as fotos superavam qualquer pintura como lembrança do passado desaparecido e dos entes queridos que se foram. Capturar a morte em curso era outra questão: o alcance da câmera permaneceu limitado enquanto ela tinha de ser carregada com esforço, montada e fixada. Mas depois que a câmera se emancipou do tripé, tornou-se de fato portátil [...] a fotografia adquiriu um imediatismo e uma autoridade maiores do que qualquer relato verbal para transmitir os horrores da produção da morte em massa<sup>18</sup>.

Ora, a exploração do sofrimento de animais pode ser vista desde os primeiros documentários. Já em *Nanook of the North* (1922) e *Man of Aran* (1934), vê-se a morte de uma morsa e de um tubarão, respectivamente. Flaherty reproduziu a caça desses animais encenando uma prática que, naquele exato momento, não era mais comum. Depois de 20 anos, a Segunda Grande Guerra tornou-se fonte para filmes de atrocidades. Surgiu, então, a pergunta: qual o significado da imagem intensa para o cinema animalista?

Para responder à questão, ao menos inicialmente, propôs-se uma pesquisa via Internet nos últimos dias entre pessoas ligadas ao cinema animalista. Perguntou-se a elas sobre o significado e o papel da imagem intensa em filmes documentários de temática animalista. Abaixo, algumas das respostas recebidas.

**Nina Rosa – São Paulo:** sua atuação como ativista começou em 1994, com 50 anos de idade. Ela iniciou como voluntária de outras ONGs. No ano 2000, Nina Rosa fundou o Instituto Nina Rosa – Projetos por amor à vida, focado na educação e na sensibilização acerca da exploração animal e de seus direitos.

O ativismo e o cinema são importantes ferramentas para que se divulguem realidades pouco conhecidas, seja de exploração de animais não humanos ou humanos. As imagens de violência ou maus-tratos devem ser utilizadas quando inspiradas pelo coração, pela intuição e para a sensibilização e a informação; nunca como sensacionalismo.

<sup>18</sup> SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Cia. das Letras, 2003. p. 24-25.

**O documentário ativista ambiental e animalista e a ética educativa da tradição documentária**

**Ricardo Laurino – Paraná/Brasil:** envolvido no ativismo pelos animais desde 2006. Em 2008, foi eleito coordenador do grupo da Sociedade Vegetariana Brasileira de Curitiba e reeleito no início de 2011. Ricardo é um dos coordenadores da Mostra Internacional de Cinema pelos Direitos dos Animais.

Como todos os filmes, documentários ou não, as imagens fortes devem ser utilizadas quando existe um propósito bem claro. Percebo que algumas vezes as imagens são usadas de forma indiscriminada e tendenciosa, gerando um efeito inverso ao desejado. O risco maior que se corre ao incluir imagens violentas em demasia e sem a devida necessidade é o de fazer com que elas se tornem cada vez mais aceitáveis. Isso acontece, por exemplo, com algumas imagens em telejornais quando mostram a violência com o ser humano como algo normal e rotineiro. Por outro lado, não há razão para não se mostrar o que realmente acontece. É necessário que a sociedade tome conhecimento do que ocorre para que possamos questionar essa herança cultural baseada no costume de explorar animais, pois se acredita que esta prática seja parte integrante e indissolúvel da natureza humana, o que é uma afronta à racionalidade, ao senso crítico e ao desenvolvimento ético/moral de nossa espécie.

**Guilherme Carvalho – Pernambuco:** ativista e documentarista, Guilherme dirigiu o filme *Atave – a avicultura escancarada*.

Imagens de violência têm sua relevância em filmes que promovam o respeito aos animais e são de fato essenciais em alguns casos. Vejamos três exemplos interessantes: (A) no filme *Earthlings*, as cenas são tão violentas que pouquíssimas pessoas assistem [a] mais do que a metade do filme. Portanto, é um filme de grande valor documental, com eficácia relativamente baixa por promover mudança de comportamento; (B) no filme *A carne é fraca*, as cenas violentas são usadas a uma frequência média: há muitas cenas violentas, elas chegam às vezes a “cansar” e abalar emocionalmente o espectador. Mas essas cenas são intercaladas com trechos de entrevistas, cenas de animais vivendo em boas condições e imagens de alimentos vegetarianos. Isso permite que o espectador “respire”, fazendo com que a experiência de assistir ao filme seja construtiva e gere mudanças de comportamento; (C) no filme *Peaceable kingdom*, toda a proposta gira em torno de animais felizes. Embora exiba imagens chocantes de animais em granjas industriais, o filme prioriza a parte positiva: mostra como vivem animais que foram resgatados e como são sencientes, inteligentes, sociáveis e emotivos. É o caso também do curta *Casanova and Sonny*, que mostra a beleza de bezerros resgatados. Esses vídeos têm um grande apelo junto ao público. De todos os tipos, acredito que o grupo menos eficaz seja o (A). As imagens de violência usadas com parcimônia, por outro lado, podem ter ótimos efeitos na mudança de comportamento de consumo e na relação das pessoas com os animais.

O que essas respostas revelam sobre o filme documentário animalista? Em uma breve análise, é possível concluir (1) que o cineasta ativista é detentor de um saber sobre determinada realidade não apenas desconhecida da população, mas também escondida dela; (2) que a ética educativa deste documentarista reside na crença do poder que a imagem do filme documentário tem na revelação dessa verdade, na consequência que ela pode ter na vida das pessoas, e que o resultado esperado será a reflexão e a mudança de hábitos; (3) que, para tal fim, o uso de imagens intensas é válido, desde que não ultrapasse determinados limites, desde que seja justificada e que se atente para uma possível banalização da violência advinda deste exagero<sup>19</sup>; e que (4) a missão do cinema documentário de cunho ativista animalista está na valoração dos entendimentos éticos acerca da utilização da vida dos animais não humanos.

Sobre a imagem intensa na representação do popular no cinema contemporâneo brasileiro, esclareceu Fernão Pessoa Ramos:

A narrativa cruel considera o constrangimento do espectador como uma espécie de trunfo [...] na medida em que acentua a injustiça da condição do outro abro espaço para a supressão da responsabilidade do que estou retratando. Este é o nó da representação da imagem intensa no documentário brasileiro: espectador e cineasta face a face, em um diálogo cruel com a representação do outro popular em sua situação abjeta<sup>20</sup>.

Os apontamentos desse texto procuraram relacionar, ainda que inicialmente, a influência do modelo ético-educativo griersoniano no documentário de temática animalista, demonstrando que ainda hoje é possível encontrar traços desse pensamento no trabalho desenvolvido pela Nicolaas G. Pierson Foundation, especificamente em seu primeiro longa-metragem, *Meat the truth*. O presente recorte também relacionou este com o filme *An inconvenient truth* e fez um breve desenvolvimento sobre a imagem intensa.

<sup>19</sup> Encontrou-se pensamento similar na obra da ensaísta norte-americana, Susan Sontag, intitulada *Ensaio sobre a fotografia* (1976), na qual a autora revelou acreditar que o excesso de imagens da dor e da guerra tornara o homem mais insensível.

<sup>20</sup> RAMOS, Fernão Pessoa. A imagem cruel: a intensidade e horror no documentário brasileiro contemporâneo. In: FABRIS, Mariarosaria & CATANI, Afrânio M. (orgs.). *Estudos Socine de Cinema – ano V*. São Paulo: Panorama, 2004. p. 232.

## O documentário ativista ambiental e animalista e a ética educativa da tradição documentária

### MATERIAL COMPLEMENTAR

<b>Carbon Savings USA</b>		
<b>Days per week no meat</b>	<b>CO<sub>2</sub> in Megatons per annum</b>	<b><i>If all Americans ate no meat for... day a week</i></b>
1 day	99,6	<i>This would result in the same carbon savings as taking 19.2 million cars off the road in the USA for a year long. If all Americans did not eat meat for one day a week, they would save 99.6 megatons of greenhouse gas emissions. This would save 46 million return flights from New York to Los Angeles and back from Los Angeles to New York.</i>
2 days	199.2	<i>If everyone in the US did not eat meat for two days a week, they would save 199 megatons of greenhouse gas emissions. This would have the same positive effect on reducing greenhouse gases as replacing ALL household appliances in the US with energy efficient ones.</i>
3 days	298.6	<i>If all Americans did not eat meat for three days a week, they would save almost 300 megatons of greenhouse gas emissions. This would have a greater impact on the climate than replacing all US cars with Toyota Prius models.</i>
4 days	398.4	<i>If everyone in the US did not eat meat for four days a week, they would save 398 megatons of greenhouse gas emissions. This would result in carbon savings equivalent to halving the domestic use of all electricity, gas, oil, petroleum and kerosene in the United States.</i>
5 days	498	<i>If all Americans abstained from eat meat for five days a week, they would save 498 megatons of greenhouse gas emissions. This would result in carbon savings equivalent to planting 13 billion trees in your garden and letting them grow for ten years. That is 43 trees per American!</i>
6 days	507.6	<i>If all Americans did not eat meat for six days a week, they would save nearly 600 megatons of greenhouse gas emissions. This would lead to the same carbon savings as eliminating the total electricity use of all households in the United States.</i>
7 days	697.2	<i>If everyone in the United States ate a vegetarian diet for seven days, they would save around seven hundred megatons of greenhouse gas emissions. That would be just the same removing all of the cars in the USA off the roads.</i>

## O documentário ativista ambiental e animalista e a ética educativa da tradição documentária

## Referências

AITKEN, Ian. *The documentary film movement*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1998.

EGGERTSSON, Gunnar T. *Animal horror: an investigation into animal rights, horror cinema and the double standards of violent human*. 2006. M.A. Thesis in Film Studies. Universiteit van Amsterdam – Media Culture. Amsterdam.

PIECADE, Lucio de F. dos Reis. *É tudo verdade? A exploração do documentário e o documentário de exploração*. 2007. Tese (Doutorado em Cinematografia) – Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo: IA/Unicamp.

RAMOS, Fernão Pessoa. A imagem cruel: a intensidade e horror no documentário brasileiro contemporâneo. In: FABRIS, Mariarosaria & CATANI, Afrânio M. (orgs.). *Estudos Socine de Cinema – ano V*. São Paulo: Panorama, 2004.

\_\_\_\_\_. Imagem traumática e sensacionalismo. *Revista Imagens*, n. 2, p. 18-27, Campinas, agosto, 1994.

\_\_\_\_\_. Humildade e “narcisismo às avessas” no cinema de retomada. *Revista Crítica Marxista*, n. 19, p. 104-113, Campinas, 2004.

\_\_\_\_\_. *Mas afinal... o que é mesmo documentário?* São Paulo: Senac/SP, 2008.

\_\_\_\_\_. (org.). *Teoria contemporânea do cinema*. Vol. II. São Paulo: Senac, 2005.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

## Filmografia e coletivos e instituições pelos direitos dos animais que produzem e/ou exibem audiovisual

- ❖ **Nicolaas G. Pierson Foundation – Holanda**  
*Meat the truth* – 70'  
*Sea the truth* – 60'  
<http://www.youtube.com/watch?v=V325y7QCg3c>
- ❖ **Climate Crisis**  
*An inconvenient truth* – 100'  
[http://www.climatecrisis.net/an\\_inconvenient\\_truth/about\\_the\\_film.php](http://www.climatecrisis.net/an_inconvenient_truth/about_the_film.php)
- ❖ **Tribe of Heart**  
*Peaceable Kingdom* – 78'  
<http://www.peaceablekingdomfilm.org/>
- ❖ **Instituto Nina Rosa – São Paulo/Brasil**  
*A carne é fraca* – 54'  
<http://www.youtube.com/user/projetoninarosa#p/a/84CA7BAC8418D665/0/IKIBmppilvM>
- ❖ **NationEarth – EUA**  
*Earthlings* – 108'  
<http://www.youtube.com/watch?v=ce4DJh-L7Ys>
- ❖ *Atave – Avicultura escancarada* – 15'  
<http://www.youtube.com/watch?v=0vznEC5RiDc>
- ❖ **Open Road Films**  
*Casanova and Sonny* – 5'  
<http://www.youtube.com/watch?v=iJDVLqURzuY>
- ❖ **Igualdad Animal – Espanha**  
*Granjas de cerdos* – 45'  
<http://www.granjasdecerdos.org>
- ❖ **Veganos pela Abolição da Escravidão Animal – São Paulo/Brasil**  
*Vegan News: Entrevista com Gary Francione* – 70'  
[http://www.youtube.com/watch?v=EO8NXatIQhc&feature=player\\_embedded#at=76](http://www.youtube.com/watch?v=EO8NXatIQhc&feature=player_embedded#at=76)
- ❖ **Animal Liberation Front**  
*Behind the mask: the story of the people who risk everything to save animals* – 77'  
<http://www.youtube.com/watch?v=ON5aHFthr4M>
- ❖ **Mostra Internacional de Cinema pelos Direitos dos Animais – Curitiba/Brasil**  
[www.mostraanimal.com.br](http://www.mostraanimal.com.br)  
<http://mostraanimal.blogspot.com>
- ❖ **Sociedade Vegetariana Brasileira – todo o Brasil**  
<http://www.svb.org.br/vegetarianismo>
- ❖ **Peta – EUA e outros países**  
<http://www.peta.org/tv/default.aspx>
- ❖ **Coletivo Verdurada**  
<http://www.verdurada.org>
- ❖ **Bioma Brasil – Brasil**  
<http://havitarigamonti.blogspot.com/2011/01/neste-canal-voce-pode-assistir-toda.html>
- ❖ **Vanguarda Abolicionista – São Paulo/Brasil**  
<http://www.vanguardaabolicionista.com.br>
- ❖ **Cinne Veggie – Sergipe/Brasil**
- ❖ **Cineclube Vegans – Rio de Janeiro/Brasil**